



Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil

Plants used as medicinal in a rural community of the semi-arid of Paraíba, Northeast of Brazil

Recebido em 12/09/2011

Aceito em 05/012/2011

Silene Lima Dourado Ximenes Santos^{1*}, Rômulo Romeu da Nóbrega Alves², Simone Lima Dourado Ximenes Santos³, José Aécio Alves Barbosa⁴, Tadeu Farias Brasileiro⁵

¹Fundação Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil

²Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

³Departamento de Biologia, Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, PE, Brasil

⁴Departamento de Recursos Naturais, Universidade Federal da Campina Grande, PB, Brasil

⁵Departamento de Farmácia, Universidade Estadual da Paraíba, PB, Brasil

RESUMO

Analisar o emprego de plantas medicinais por comunidades humanas pode contribuir com estudos fitoquímicos, agrônômicos e farmacológicos sobre essas plantas. A presente pesquisa objetivou inventariar as plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, investigando os seus usos e aplicações. Foram entrevistados 57 informantes os quais citaram as espécies usadas como medicamento, partes da planta, forma de preparo e as doenças para as quais são prescritos. O Fator de Consenso dos Informantes (FCI) e o Valor de Uso (VU) foram calculados, registrando o uso de 143 espécies vegetais, com seus produtos recomendados para o tratamento de 88 doenças. Entre as categorias de doenças mais citadas encontram-se aquelas conhecidas como indefinidas (53 espécies; 232 citações de uso) e as do sistema digestivo (48 espécies; 187 citações de uso). Qualquer estratégia de conservação deve considerar as necessidades locais de forma a manter preservados os recursos e a cultura, contribuindo com a saúde em todos os aspectos.

Palavras-chave: Etnobiologia, Etnobotânica, Conservação

ABSTRACT

To analyze the employment of medicinal plants for human communities can contribute to the phytochemicals, agronomic and pharmacological studies on those plants. The present research aimed at to inventory the plants used as medicinal for a rural community of semi-arid area of the state of Paraíba, investigating your uses and applications. 57 informers were interviewed which mentioned the species used as medicine, parts of the plant, it forms of preparation and the diseases for which are prescribed. The Informers Consent Factor (ICF) and the Value of Use (VU) were calculated by registering the use of 143 vegetable species, with your products recommended for the treatment of 88 diseases. Among the categories of diseases more mentioned they are indefinite diseases (53 species; 232 use citations) and digestive system (48 species; 187 use citations). Any conservation strategy should consider local needs in order to maintain preserved the resources and the culture, contributing to health in all aspects.

Keywords: Ethnobiology, Ethnobotany, Conservation

INTRODUÇÃO

Os estudos etnobotânicos permitem compreender as sociedades humanas e suas interações com as plantas, e dentre as relações, as práticas envolvendo vegetais uti-

lizados na medicina popular, têm sido alvo de muitas pesquisas (Alves & Rosa, 2007; Agra *et al.*, 2007; Pinto *et al.*, 2006; Almeida *et al.*, 2009).

* Silene Lima Dourado Ximenes Santos, Rua Professor Geraldo Von Shosten, 285, Jaguaribe, CEP: 58015-190, João Pessoa (PB), Brasil, Fone: (83) 3216-2473, E-mail: silene.santos@funasa.gov.br

Nas sociedades contemporâneas, o conhecimento tradicional de plantas medicinais tem sido fortemente incorporado, uma vez que a fitoterapia destaca-se entre as inúmeras alternativas terapêuticas conhecidas e praticadas no mundo (Alves & Rosa, 2005; Alves & Rosa, 2007), que deve ser estimulada, assegurando o uso racional e integrando os cuidados com a saúde. Incluem-se nesta conduta as leis brasileiras na forma de Práticas Integrativas e Complementares (Who, 2001; Brasil, 2006).

Diante do conhecimento acumulado, surge uma necessidade de estudar o uso das plantas pelos grupos humanos de diferentes culturas a fim de obter informações que possam ser empregadas na procura de substâncias biologicamente ativas para utilização na produção de medicamentos (Coutinho *et al.*, 2002).

Porém, observa-se que o conhecimento das práticas curativas tradicionais, principalmente do uso plantas silvestres, está desaparecendo devido à rápida modernização e a mudança de estilos para os mais atuais (Agra *et al.*, 2008). Por outro lado, as causas julgadas como mentais e espirituais para os males que se apresentam retomam a importância dos recursos naturais para o tratamento nos diferentes grupos sociais e culturais (Pieroni & Quave, 2005).

Surge, então, a preocupação com a conservação dos recursos florísticos, visto que muitos vegetais são utilizados não somente como medicinais, mais também como energéticos, forrageiros, místicos, entre outros (Baggio, 1988).

Avaliando, ainda, a proteção de recursos, a Caatinga é considerada um Bioma de especificidade brasileira, compreendendo 925.043 Km², ou seja 55,6% do Nordeste brasileiro, representa o principal ecossistema dessa região (Silva *et al.*, 2003). Porém, pouca atenção é dada à conservação de sua variada e marcante paisagem (Leal *et al.*, 2005).

Tendo em vista que o resgate e a valorização dos saberes tradicionais têm implicações na medicina, ecologia e manejo dos recursos naturais (Posey, 1986), o presente trabalho teve como objetivo analisar a utilização dos vegetais empregados na medicina popular em uma comunidade rural do Município de Queimadas, no agreste semi-árido do estado da Paraíba, Nordeste do Brasil, verificando os vários aspectos relacionados a essa prática na região.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

O estudo foi realizado na comunidade rural Castanho de Baixo, município de Queimadas (latitude 7°21'29"S e longitude 35°53'53"W), Paraíba, Nordeste do Brasil. A comunidade é composta por cerca de 90 residências distribuídas de forma heterogênea. Apresenta a distância de, aproximadamente, 117 km da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba e 15 km da cidade de Campina Grande. Os moradores são, em maioria, agricultores de subsistência, residindo há mais de duas gerações na comunidade.

O município de Queimadas está inserido predominantemente na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do

semi-árido nordestino. Parte de sua área, ao norte, se insere na unidade geoambiental do Planalto da Borborema (Brasil, 2005).

Coleta e análise dos dados

As entrevistas foram realizadas ao longo dos meses de setembro de 2007 a março de 2009. Visto a complexidade do contexto que envolve a pesquisa etnoecológica, as abordagens aos entrevistados foram realizadas em vários momentos, utilizando-se da técnica do espelhamento e sincronismo (*rapport*), a fim de concretizar um levantamento do conhecimento local com a naturalidade de diálogos entre especialistas. Essas abordagens tiveram como objetivo principal a conquista da confiança, item indispensável na obtenção de informações.

Através da técnica da bola de neve (*snow ball*) (Bailey, 1984) foram identificados os especialistas locais, ou seja, pessoas da comunidade que são reconhecidas como detentoras de maior conhecimento acerca do uso de plantas para fins medicinais. Além dos especialistas, também foram entrevistadas pessoas que demonstraram utilizar estes recursos, oportunamente encontrados e que aceitaram participar do estudo.

As informações foram obtidas através de questionários semi-estruturados, complementadas por entrevistas livres e conversas informais (Albuquerque & Lucena, 2004). Antes de cada entrevista foram explicados a natureza e os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão aos entrevistados para registrar os informes. Evitou-se a introdução de comentários ou condições pelo entrevistador/ investigador que pudessem influenciar a resposta dada pelos informantes (Posey, 1986).

Foram coletados exemplares das espécies citadas pelos entrevistados, com a ajuda dos mesmos. O material botânico coletado foi herborizado segundo métodos habituais em Botânica, e a identificação das espécies foi realizada através de visualizações de campo, consultas à bibliografia especializada, comparações com materiais previamente identificados por especialistas, depositados no acervo do Herbário Lauro Pires Xavier (JPB), da Universidade Federal da Paraíba e, quando necessário, por consulta direta aos mesmos. Exsicatas do material coletado foram depositadas no referido Herbário. A lista florística seguiu a classificação filogenética APG - Angiosperm Phylogeny Group - II (2003).

Listas das plantas citadas e suas indicações terapêuticas, bem como as formas de uso dos medicamentos, foram organizadas. Em seguida, elaborou-se uma listagem com todas as espécies identificadas e suas respectivas famílias.

Todas as doenças tratadas pelas plantas citadas foram agrupadas em categorias, com base na classificação usada pelo Centro Brasileiro de Classificação de Doenças.

Para estimar a variabilidade de uso das plantas referidas, foi calculado o Fator de Consenso dos Informantes (FCI), adaptado de Heinrich *et al.* (1998), que permite identificar quais as categorias de doenças que apresentaram maior importância na comunidade pesquisada.

Para cada espécie, o Valor de Uso (VU) calculado demonstra a importância da mesma conhecida no local (Phillips *et al.*, 1994 - adaptado).

Para análise das informações sócio-econômicas utili-

zou-se o software Microsoft® Office Excel 2007.

O desenvolvimento do estudo ocorreu após sua adequação às normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e após ter sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, com folha de Rosto 212861 e CAAE 0271.0.133.000-08. A autorização dos participantes ocorreu através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na ocasião, os entrevistados foram instruídos a respeito do estudo e, quando de acordo, as-

sinaram o Termo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aspectos sócio-econômicos

Foram entrevistados 57 usuários de plantas medicinais, sendo 45 do gênero feminino e 12 do gênero masculino e cada entrevistado (informante) pertencia a uma residência.

Tabela 1. Aspectos sócio-econômicos de usuários de plantas medicinais entrevistados na comunidade rural de Castanho de Baixo, município de Queimadas (setembro de 2007 a março de 2009)

PARÂMETROS		Nº de Informantes (%)
GRAU DE ESCOLARIDADE	Sem estudo ou só assina	10 (17,5)
	Ensino fundamental incompleto	37 (64,9)
	Ensino médio (em curso ou completo)	7 (12,3)
	Superior incompleto	2 (3,5)
	Não declarou	1 (1,7)
IDADE (anos)	Menor que 20	3 (5,3)
	20 - 39	25 (43,9)
	40 - 59	20 (35,1)
	Maior ou igual a 60	9 (15,8)
ESTADO CIVIL	Casada (civil e/ou religioso) ou união consensual	38 (66,7)
	Solteiro	7 (12,3)
	Separado	2 (3,5)
	Viúvo	10 (17,5)
RENDAMENTO MENSAL (salário mínimo)	Menor ou igual a 1	30 (52,6)
	Entre 1 e 2	8 (14,1)
	Igual ou superior a 3	1 (1,7)
	Não declarou	18 (31,6)

Observou-se que as mulheres detêm grande parte do conhecimento medicinal das plantas, e a maioria (64,9%) dos entrevistados não possuíam o ensino fundamental completo (Tabela 1).

Na localidade pesquisada, o acesso limitado à medicina ortodoxa resulta das condições financeiras dos usuários e das deficiências no sistema de saúde público local. Nazarea et al. (1998) destacam que os fatores sociais, econômicos e culturais desempenham um papel importante em determinar como os indivíduos e as comunidades usam recursos naturais.

Registrou-se 143 espécies de plantas medicinais pertencentes a 64 famílias. Em ordem decrescente, as famílias com maior número de espécies são: Asteraceae (12), Lamiaceae (11), Fabaceae (11), Euphorbiaceae e Myrtaceae, com seis espécies cada (Tabela 5). Esses resultados estão de acordo com outros trabalhos nos quais mostraram espécies destas famílias frequentemente utilizadas e comercializadas como plantas medicinais em diferentes regiões do Brasil (Agra et al., 2007; Pinto et al., 2006).

Segundo Brito e Brito (1993), a maior parte dessas famílias também apresentam mais registros nos levantamentos de plantas medicinais no Brasil. Esse fato pode estar relacionado a presença de compostos fitoquímicos que são geralmente utilizados em medicamentos (Ming & Amaral Junior, 1995).

As plantas medicinais mais citadas foram: *Anacardium occidentale* L. - cajú-rôxo (47 citações), *Mentha x villosa-nervata* (Opiz) - hortelã-miúda (45), *Lippia alba* (Mill.) Brow. - cidreira e *Sambucus nigra* L. - sabugueira (41 citações cada) (Tabela 5).

Vale destacar a importância das espécies como *Chenopodium ambrosioides* L. - mastruz, *Erythrina velutina* (Willd.) - mulungu, *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan. - angico, *Bauhinia cheilantha* (Bong.) - mororó, *Maytenus rigida* (Mart.) - bonome, *Psidium guajava* (L.) - goiaba, *Alium sativum* L. - alho, que também têm se destacado em outras localidades do Nordeste e do Brasil (Pinto et al., 2006; Agra et al., 2007; Di Stasi et al., 2002).

A maioria das plantas citadas é genuinamente brasileira ou nativa da região Nordeste, como a *Myracrodruon urundeuva* (Engl.) Fr. All – aroeira, *A. colubrina* – angico, *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillett – imburana, *Ziziphus joazeiro* (Mart.) – juá, *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schut.) - quixaba. Algumas são típicas da Caatinga e estão ameaçadas devido às técnicas destrutivas para obtenção do produto (cascas do caule, afetando os sistemas condutores da planta). Essas espécies são comumente comercializadas nos mercados e feiras livres de cidades vizinhas (Alves et al. 2007, Agra et al. 2007).

No que se refere à parte da planta medicinal utilizada, observou-se maior uso de folhas na preparação dos remédios (66 citações), como apresentado na Tabela 2. Neste ponto, os dados deste trabalho estão de acordo com muitos outros, como em Viçosa, MG (Almeida et al, 2009). Gonçalves e Martins (1998) comentaram que as folhas, na maioria das espécies vegetais, concentram grande parte dos princípios ativos.

Dentro de uma perspectiva conservacionista, a predominância do uso de folhas é positiva, já que a obtenção desse produto medicinal não implicaria, necessariamente, na morte da planta. A técnica de coleta da casca do caule é, na maioria das vezes, destrutiva, por comprometer os sistemas condutores da seiva, afetando no desenvolvimento e longevidade da planta (Rodrigues & Carvalho, 2001).

Tabela 2. Partes das plantas utilizadas na comunidade de Castanho de Baixo, município de Queimadas, estado da Paraíba, Brasil

Parte da planta	Número de citações
Caule	7
Casca do caule (pau)	24
Fruto	20
Casca do fruto	14
Semente	10
Folha	66
Flor	13
Raiz	14

Na área estudada, as plantas medicinais citadas pelos entrevistados são utilizadas para o tratamento de 88 doenças diferentes, tais como: tosse, inflamações, diarreia, nervosismo/insônia (calmante), verme, secreção pulmonar (expectoração) e febre, para as quais diversas espécies são indicadas (Tabela 3).

As categorias de doenças citadas, com número de espécies vegetais usados e número de citações de uso, estão dispostas na Tabela 4.

Di Stasi et al. (2002) realizaram trabalhos em região de Mata Atlântica e encontraram resultados semelhantes. Doenças relacionadas aos sistemas gastrointestinal e respiratório estão entre as mais citadas, com 18,3% e 18,5%, respectivamente.

Tabela 3. Categorias de doenças tratadas com plantas medicinais na comunidade de Castanho de Baixo, município de Queimadas (Estado da Paraíba, Brasil) de acordo com o Centro Brasileiro de Classificação de Doenças

CATEGORIA	DOENÇAS	Nº
Doenças do aparelho respiratório	Bronquite, Sinusite, Amigdalite, Bronq. Mucopurul (catarro no peito), Nasof Aguda (Resfriado comum), Gripe, Asma, Pneumonia, outras doenças respiratórias obstrutivas	9
Doenças do aparelho circulatório	Hemorrróida, infarto, hipertensão, hipotensão, trombose, males do coração	6
Doenças endócrina, nutricional, metabólica	Obesidade, colesterol, diabetes	3
Doenças da pele e tecido subcutâneo	Manchas na pele, tratar cabelo, caspa, piolho (escabiose)	4
Doenças do aparelho digestivo	Indigestão, prisão de ventre, úlcera, dente (dor, limpar), diarreia, fígado, gastrite	7
Doenças do aparelho geniturinário	Cistite, cólica menstrual, inflamações ginecológicas, transtornos da menopausa, rins	5
Doenças do ouvido	Dor de ouvido	1
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários	Anemia, outros (sangue grosso)	2
Doenças do sistema nervoso central	AVC/ derrame, insônia	2
Doenças do sistema ósteo muscular e do tecido conjuntivo	Reumatismo, dor de coluna, dores ósseas	3
Doenças infecciosas e parasitárias	Helmintíase, amebíase, sarampo	3
Indefinidas	Inflamação, azia, calmante, coagulante, cólicas, subnutrição, desidratação, fraqueza, mau hálito, nervosismo, torcicolo	11
Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas	Ferimentos, fraturas, pancadas, inflamações, sujeira nos olhos, picada de inseto, intoxicação	7
Neoplasias (tumores)	Tumores (qualquer localização)	1
Sintomas, sinais e achados anormais de exames, não classificados em outra parte	Tosse, garganta, tontura, vômito, anúria (para induzir xixi), câimbra, dores abdominais, dor de cabeça, dores em geral, febre, icterícia, inchaço, infecções, mal estar, dor nos nervos	15
Transtornos mentais	Impotência sexual, inapetência (para abrir apetite)	2

Segundo a Organização Mundial da Saúde (Who, 2002) problemas como obesidade, distúrbios circulatórios e câncer tornaram-se proeminente em todo o mundo, porém países mais pobres ainda se preocupam com doenças infecciosas e complicações relacionadas à desnutrição, sugerindo-se que as doenças estão vinculadas aos hábitos e às condições de vida da população.

O consenso cultural entre as diferentes categorias registradas foi bastante variável. As categorias de doenças que apresentaram os valores de consenso mais elevados foram: Aparelho Respiratório (FCI = 0,74), Aparelho Circulatório (FCI = 0,7), Aparelho Digestivo (FCI = 0,74), Doenças infecciosas e parasitárias (FCI = 0,86), Neoplasias (FCI = 0,75), doenças indefinidas (FCI = 0,77) e as doenças que pertencem ao grupo de sintomas, sinais e achados não classificados em outra parte (FCI = 0,82).

A maioria das plantas, 89 espécies (61,0%), foi indicada para mais de uma doença, e 57 espécies para apenas um uso. Entre as espécies com mais de um uso, destacou-se *C. ambrosioides* L. – mastruz que foi referida para 14 usos medicinais.

Diferentes modos de preparo e administração dos recursos vegetais medicinais foram reportados pelos entre-

entrevistados. Observou-se que o chá sem ferver (infusão) e o lambedor (xarope) são realizados com maior frequência, com 72 (30,2 %) e 41 (17,2%) citações, respectivamente. Em seguida vem o chá fervido (decoção) (14,3%) com 34 e a água da planta (maceração) (13,0%) com 31. Di Stasi e colaboradores (2002), no Vale do Ribeira, SP, verificaram que infusão (40,0%) e decoção (20,3%) são as principais formas de uso das plantas, assim como e Teixeira e Melo (2006) observaram em Jupi, PE.

Concernente à proteção de plantas medicinais, o básico é estudar sua identificação, distribuição, abundância e o conhecimento tradicional sobre o uso dos recursos no cuidado da saúde. (Who et al., 1993). Soma-se a esses critérios a prioridade de conservar espécies com maior quantidade de usos e frequência, as nativas provenientes de populações silvestres, as coletadas de forma destrutiva e as que sofrem maior pressão antrópica (Dhar et al., 2000).

CONCLUSÕES

O número expressivo de espécies de plantas medicinais citadas evidencia o rico conhecimento etnobotânico da população local. Porém, foi observado que as plantas utilizadas no dia-a-dia são constituídas de espécies nativas e cosmopolitas, evidenciando que as práticas medicinais estão agregadas a diversidade e acessibilidade dos recursos.

Os sistemas digestivo e respiratório estão entre os mais citados para tratamento na comunidade estudada, sugerindo incidência considerável de problemas relacionados.

Qualquer estratégia de conservação da flora deve considerar as necessidades locais de forma a manter preservados os recursos e a cultura, contribuindo com a saúde em todos os aspectos.

Tabela 4. Fator de Consenso dos Informantes categorizados por uso medicinal para doença, conforme citações registradas na comunidade de Castanho de Baixo, município de Queimadas, estado da Paraíba, Brasil

CATEGORIA	Nº DE ESPÉCIES	% TODAS AS ESPÉCIES	CITAÇÕES DE USO	% TODAS CITAÇÕES DE USO	FCI
Doenças do aparelho respiratório	42	28,77	161	23,75	0,74
Doenças do aparelho circulatório	22	15,07	71	10,47	0,7
Doenças endócrina, nutricional, metabólica	11	7,53	22	3,24	0,52
Doenças da pele e tecido subcutâneo	7	4,79	10	1,47	0,33
Doenças do aparelho digestivo	48	32,88	187	27,58	0,74
Doenças do aparelho geniturinário	16	10,96	39	5,75	0,6
Doenças do ouvido	5	3,42	11	1,62	0,6
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários	4	2,74	8	1,18	0,57
Doenças do sistema nervoso central	2	1,37	3	0,44	0,5
Doenças do sistema ósteo muscular e do tecido conjuntivo	6	4,11	10	1,47	0,44
Doenças infecciosas e parasitárias	16	10,96	86	12,68	0,86
Indefinidas	53	36,3	232	34,22	0,77
Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas	29	19,86	56	8,26	0,49
Neoplasias (tumores)	5	3,42	17	2,51	0,75
Sintomas, sinais e achados anormais de exames, não classificados em outra parte	64	43,84	331	48,82	0,82
Transtornos mentais	3	2,05	3	0,44	0

FCI – Fator de Consenso dos Informantes

Tabela 5. Plantas registradas como tendo propriedades medicinais na comunidade de Castanho de Baixo, município de Queimadas, estado da Paraíba, Brasil

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME POPULAR	Nº DE CITAÇÕES	VU	PARTE USADA E FORMA DE USO	DOENÇAS
ACANTHACEAE <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	CHAMBÁ	1	0,02	2	Tosse, catarro (expectorante)
ALISMATACEAE <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schecht.) Michx.	CHAPÉU DE COURO	1	0,02		Intoxicação
AMARANTHACEAE <i>Beta vulgaris</i> L.	BETERRABA	4	0,07	R-2/5/7	Tosse, anemia
ANACARDIACEAE <i>Anacardium occidentale</i> L.	CAJÚ ROXO	47	0,82	CP-2/3/4/6	Cicatrizante, ginecológico, dores, inflamação, tosse, diabetes
ANACARDIACEAE <i>Mangifera indica</i> L.	MANGA ESPADA	2	0,04	Fo-2	Tosse
ANACARDIACEAE <i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	AROEIRA MANSA	1	0,02	Fo-1	Reumatismo
ANACARDIACEAE <i>Myracrodruon urundeuva</i> (Engl.) Fr. All.	AROEIRA	33	0,58	CP-2/3/4	Inflamação, ginecológico, gastrite, cicatrizante, dores, tosse
ANNONACEAE <i>Annona muricata</i> L.	GRAVIOLA	8	0,14	Fo-1	Coluna, emagrecer, tontura, câncer, inflamação
APIACEAE <i>Anethum graveolens</i> L.	ENDRO	19	0,33	Fo/S-1	Cólica, intoxicação, dores, dor de cabeça, taquicardia, evitar trombose, AVC
APIACEAE <i>Apium graveolens</i> L.	SALSÃO	1	0,02	Fo-1	Febre
APIACEAE <i>Pimpinella anisum</i> L.	ERVA DOCE	9	0,16	Fo-1	Intoxicação, cólica de bebê, pressão, dores, taquicardia, calmante, mal-estar, fraqueza, vômito, laxante
APOCYNACEAE <i>Catharanthus roseus</i>	BOA NOITE ROXA	1	0,02	Fl-7	Ouvido
APOCYNACEAE <i>Catharanthus roseus var. albus</i> G.Don	BOA NOITE BRANCA	2	0,04	Fl-2	Tosse
ARECACEAE <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	MACAÍBA	1	0,02	Fr-2	Catarro (expectorante)
ARISTOLOCHIACEAE <i>Aristolochia</i> SP	PAPO DE PERU	1	0,02	R-3	Rins
ASTERACEAE <i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	ESPINHO DE CIGANO/ ESPINHO DE GABIRU	4	0,07	R-2/3	Tosse, inflamação
ASTERACEAE <i>Achillea millefolium</i> L.	DIPIRONA	1	0,02	Fo-1	Febre
ASTERACEAE <i>Artemisia vulgaris</i> L.	ANADOR	10	0,18	Fo-1	Dores, dor de cabeça, febre
ASTERACEAE <i>Chamomilla recutita</i> L.	CAMOMILA	16	0,28	Fl-1	Calmante, pressão
ASTERACEAE <i>Cichorium endivia</i> L.	CHICOLA	1	0,02	1	Cólica
ASTERACEAE <i>Cynara scolymus</i> L.	ALCACHOFRA	1	0,02	Fo-1	Fígado
ASTERACEAE <i>Egletes viscosa</i> Less.	MACELA	1	0,02	Fo-1	Cólica, diarreia
ASTERACEAE <i>Helianthus annuus</i> L.	GIRASSOL	1	0,02	S-3	Evitar trombose

ASTERACEAE <i>Lactuca sativa</i> L.	ALFACE	1	0,02	Fo-1/7	Calmante, pressão
ASTERACEAE <i>Mikania glomerata</i> Spreng.	GUAPO	1	0,02	Fo-1	Tosse
ASTERACEAE <i>Solidago chilensis</i> Meyen	ARNICA	1	0,02	Fo-1	Pancada
ASTERACEAE <i>Vernonia condensata</i> Backer.	BOLDO	29	0,51	Fo-1/7	Indigestão, intoxicação, diarreia, prisão de ventre, cólica, colesterol, emagrecer, dor abdominal, fígado
BIGNONIACEAE <i>Crescentia cujete</i> L.	CUITÉ	1	0,02	Fo-1	Coluna, emagrecer
BIGNONIACEAE <i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) A. DC.	CAROBINHA	1	0,02		
BIGNONIACEAE <i>Tabebuia</i> sp.	PAU D'ARCO	2	0,04	CP-2	Tosse, úlcera
BORAGINACEAE <i>Symphytum officinale</i> L.	CONFRÊT	1	0,02	Fo-1/2	Tosse
BRASSICACEAE <i>Brassica oleraceae</i> L.	COUVE	10	0,18	Fo-5	Gastrite, úlcera
BRASSICACEAE <i>Cleome spinosa</i> Jacq.	MUSSAMBÊ	5	0,09	Fo-/Fl/R-2	Tosse, catarro (expectorante)
BROMELIACEAE <i>Ananas comosus</i> L.	ABACAXI	9	0,16	Fr-2	Tosse, catarro (expectorante), cansaço, gripe
BURSERACEAE <i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	IMBURANA	1	0,02	CP-3	Dor de dente
CACTACEAE <i>Cereus jamacaru</i> DC.	CARDEIRO	1	0,02	Ca-4	Hemorróida
CACTACEAE <i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose)	COROA DE FRADE	1	0,02	Ca-2	Ameba
CACTACEAE <i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	PALMA	1	0,02	R-3	Câimbra
CAPRIFOLIACEAE <i>Sambucus cf. australis</i> Cham. & Schldtl	SABUGUEIRA	41	0,72	Fo/Fl-1/2	Gripe, pressão, resfriado, sarampo, tosse, verme, afinar sangue, calmante, catarro, febre
CARICACEAE <i>Carica papaya</i> L.	MAMÃO	3	0,05	Fr-7	Prisão de ventre, verme, diarreia
CARYOPHYLLACEAE <i>Dianthus</i> sp. L.	CRAVO BRANCO	1	0,02	Fl-2	Tosse
CELASTRACEAE <i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	ESPINHEIRO SANTO	3	0,05	Fo-1	Indigestão, gastrite
CELASTRACEAE <i>Maytenus rigida</i> Mart.	BONOME	3	0,05	CP-2/3/4	Catarro (expectorante), pancada, diabetes
CHENOPODIACEAE <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	MASTRUZ	28	0,49	Fo-1/2/5	Resfriado, tosse, úlcera, verme, ameba, bronquite, câncer, catarro, dores, gastrite, gripe, inchaço, nervosismo, pneumonia, emagrecer, diarreia, coluna
COMBRETACEAE <i>Terminalia catappa</i> L.	CASTANHOLA	2	0,04	Fo-1	Emagrecer, diarreia, coluna
CONVOLVULACEAE <i>Operculina macrocarpa</i> (Linn) Urb.	BATATA DE PURGA	1	0,02	Ca-4	Verme, ameba
CRASSULACEAE <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	SAIÃO	25	0,44	Fo-1/2/5	Ameba, câncer, catarro, febre, gastrite, gripe, resfriado, tosse, verme, úlcera

CUCURBITACEAE <i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	MELANCIA	1	0,02	S-3	Diurético
CUCURBITACEAE <i>Cucurbita pepo</i> L.	JERIMUM	3	0,05	Fo-10/ S-8	Ouvido, verme, complemento alimentar
CUCURBITACEAE <i>Luffa operculata</i> L.	CABACINHA	1	0,02	4 p/ 9	Sinusite
CUCURBITACEAE <i>Momordica charantia</i> L.	MELÃO DE SÃO CAETANO	3	0,05	Fo-1 p/6	Hemorróida, úlcera
CUCURBITACEAE <i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	CHUCHU	3	0,05	CF/Fr-1/5	Pressão
CYPERACEAE <i>Cyperus esculentus</i> L.	JUNÇA	1	0,02	R-4	Dor de cabeça
EQUISETACEAE <i>Equisetum</i> sp. L.	CAVALINHA	1	0,02		Reumatismo
ERYTHROXYLACEAE <i>Erythroxylum vacciniifolium</i> Mart.	CATUABA	1	0,02	CP-4	Ossos, impotência
EUPHORBIACEAE <i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (Muell.Arg.) Pax et Hoffm.	FAVELA	4	0,07	CP-4	Fraturas, pancada
EUPHORBIACEAE <i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	URTIGA BRANCA	9	0,16	R-3/4	Inflamação, ginecológico, infecção urinária
EUPHORBIACEAE <i>Euphorbia tirucalli</i> L.	AVELOZ	2	0,04	L-12	Gastrite, úlcera
EUPHORBIACEAE - <i>Jatropha gossypifolia</i> L.	PINHÃO ROXO	1	0,02	L	Coagulante
EUPHORBIACEAE <i>Manihot glaziovii</i> Muell. Arg.	MANIÇOBA	1	0,02	CP-10	Cicatrizante
EUPHORBIACEAE <i>Phyllanthus</i> cf. <i>niruri</i> L.	QUEBRA PEDRA	6	0,11	Fo-1	Rins
FABACEAE <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan.	ANGICO	8	0,14	CP-2	Resfriado, catarro, tosse, inflamação
FABACEAE - <i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud./ <i>Bauhinia monandra</i> Kurz (flor rosa)	MORORÓ	8	0,14	Fo-1	Asma, câncer, cansaço, diabetes, coluna, colesterol
FABACEAE <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	JUCÁ	1	0,02	CF-4	Cicatrizante, diarreia, ginecológico
FABACEAE <i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	CATINGUEIRA	2	0,04	Fl-2/1	Resfriado, ginecológico
FABACEAE <i>Coumarona odorata</i> Aubl.	CUMARU	21	0,37	CP-2/4 e CP-3 p/6	Tosse, expectorante, inflamação, gripe, cicatrizante, sinusite, catarro, ginecológico
FABACEAE <i>Erythrina velutina</i> Willd.	MULUNGU	5	0,09	CP-4	Diarreia, cicatrizante, ginecológico, insônia, dor de dente, inflamação
FABACEAE <i>Hymenaea courbaril</i> L.	JATOBÁ	19	0,33	CP/CF-2/4	Tosse, resfriado, gripe, inflamação
FABACEAE <i>Phaseolus vulgaris</i> L.	FEIJÃO PRETO	2	0,04	G-3	Anemia
FABACEAE <i>Pithecellobium cochliocarpum</i> (Gomez) Macbr	BABATENOR	4	0,07	CP-3/4/6/8	Cicatrizante, inflamação, ginecológico
FABACEAE - <i>Stryphnodendron</i> cf. <i>adstringens</i> Mart.	BABATIMÃO	1	0,02	CP-3/4/6/8	Inflamação, cicatrizante
FABACEAE <i>Trigonella foenum graecum</i> L.	CHIFRE DE BODE	1	0,02	CF-3	Coluna
GENERIACEAE <i>Pelargonium</i> cf. <i>graveolens</i> L'Hér.	MALVA ROSA	19	0,33	Fo-1/2	Dor abdominal, dores, febre, resfriado, tosse, catarro

ILLICIAEAE <i>Illicium verum</i> Hook. f.	ANIL ESTRELADO	1	0,02	Fo-1	Diarréia
IRIDACEAE <i>Crocus sativus</i> L.	AÇAFRÃO	1	0,02	S-4	Fraturas
LAMIACEAE <i>Aeollanthus suaveolens</i> Spreng.	MACASSÁ	3	0,05	Fo-1/10	Dores, ouvido, coração
LAMIACEAE <i>Coleus amboinicus</i> Lour.	HORTELÃ GRAÚDA	40	0,70	Fo-1/2	Catarro (expectorante), calmante, gripe, diarréia, tosse, verme, indigestão, resfriado, ouvido
LAMIACEAE <i>Coleus barbatus</i> Benth.	BOLDO BRASILEIRO	3	0,05	Fo-1	Cólica, diarréia
LAMIACEAE <i>Hypittis pectinata</i> (L.) Poit.	ALFAZEMA DE CABOCLO	1	0,02	Fo-1	Gastrite, câimbra
LAMIACEAE <i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	ALFAZEMA	2	0,04	Fl/Fo-1	Cólica, diarréia, febre
LAMIACEAE <i>Mentha piperita</i> L.	HORTELÃ PASTILHA	3	0,05	Fo-1/2	Tosse
LAMIACEAE <i>Mentha pulegium</i> L.	POEJO	1	0,02	Fo-1	Catarro (expectorante), tosse
LAMIACEAE <i>Mentha x villosa-nervata</i> Opiz	HORTELÃ MIÚDA	45	0,79	Fo-1/2	Cólica, ameba, verme, diarréia, dor de cabeça, olhos, rins, indigestão
LAMIACEAE <i>Ocimum campechianum</i> Mill.	MANGERICÃO	4	0,07	Fo-1/2	Dor de cabeça, tosse, catarro
LAMIACEAE <i>Ocimum</i> SP	LOURO	7	0,12	Fo-1	Calmante, diarréia, indigestão
LAMIACEAE <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	ALECRIM	10	0,18	Fo-1/2	Indigestão, coração, dores, tosse, calmante, tontura, infarto
LAURACEAE <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume.	CANELA	4	0,07	CP/Fo-1/8	Vômito, abrir apetite, fraqueza, mal estar
LAURACEAE <i>Persea americana</i> L.	ABACATE	4	0,07	Fo-1	Rins, torcicolo
LILIACEAE <i>Allium cepa</i> L.	CEBOLA BRANCA	24	0,42	Ca-1/2	Tosse, catarro
LILIACEAE <i>Allium sativum</i> L.	ALHO	17	0,30	Ca-1/2/7	Resfriado, pressão, tosse, colesterol, coração, ameba, verme, catarro
LILIACEAE <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	BABOSA	33	0,58	F0- 2/4/5/6/7/10	Ameba, verme, cicatrizante, inflamação, hemorróida, resfriado, câncer
LINACEAE <i>Linum usitatissimum</i> L.	LINHAÇA	1	0,02	-7	Diminuir efeitos da menopausa
LYTHRACEAE <i>Punica granatum</i> L.	ROMÃ	23	0,40	Fr-7	Garganta, inflamação, olhos
MALPIGHIACEAE <i>Malpighia emarginata</i> L.	ACEROLA	3	0,05	Fr-5	Resfriado, gripe
MELIACEAE <i>Cedrela odorata</i> L.	CEDRO	2	0,04	CP-3	Diarréia
MORACEAE <i>Artocarpus incisa</i> L.	FRUTA PÃO	1	0,02	Fo-1	Reumatismo
MORACEAE <i>Cecropia palmata</i> Willd.	IMBUÍBA	1	0,02	Fo-1	Diurético
MUSACEAE <i>Musa paradisiaca</i> L.	BANANA	8	0,14	Fr-2/ Mangará-2	Diarréia, ameba, verme, colesterol, tosse, bronquite, catarro
MYRTACEAE <i>Caryophyllus aromaticus</i> L.	CRAVO	2	0,04	Fl-1/7	Indigestão, mal hálito
MYRTACEAE <i>Eucalyptus</i> sp.	EUCALIPTO	17	0,30	Fo-1/9	Febre, tosse, gripe, dor de cabeça

MYRTACEAE <i>Eugenia uniflora</i> L.	PITANGA	4	0,07	Fo-1	Diarréia
MYRTACEAE <i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	JABOTICABRA	3	0,05	CP/CF/Fo/Fr-1/7	Diarréia
MYRTACEAE <i>Psidium guajava</i> L.	GOIABA	22	0,39	Fo-1	Diarréia
MYRTACEAE <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	AZEITONA PRETA	1	0,02	Fo-1	Pressão
OLACACEAE <i>Ximenia americana</i> L.	AMEIXA	1	0,02	CP-4	Inflamação, infecção
OLEACEAE <i>Olea europaea</i> L.	AZEITONA	1	0,02	Fo-1/3	Inchaço
PALMAE <i>Cocos nucifera</i> L.	COCO SECO/ COCO VERDE/ COCO VERMELHO	6	0,11	CF-3/6	Icterícia, catarro, cansaço
PALMAE <i>Syagrus oleracea</i> (Mart.)	COCO CATOLÉ	2	0,04	Fr-7 R-3/4	Desidratação Fígado, inflamação
PAPAVERACEAE <i>Argemone mexicana</i> L.	CARDO SANTO	3	0,05	S/Fo-1	Trombose, gastrite
PASSIFLORACEAE <i>Passiflora incarnata</i> L.	MARACUJÁ	6	0,11	Fr-5	Calmanete, cansaço, pressão
PEDALIACEAE <i>Sesamum indicum</i> L.	GERGELIM	1	0,02	S-3/7	Ossos, nervosismo
POACEAE <i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	CAPIM-SANTO	33	0,58	Fo-1/2	Pressão, dor de cabeça, tosse, calmanete, dores, cólica, diarréia, indigestão
POACEAE <i>Saccharum officinarum</i> L.	CANA	1	0,02	Fo-1	Calmanete
POACEAE <i>Zea mays</i> ssp.	MILHO	2	0,04	G-8	Anemia, diurético
RHAMNACEAE <i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	JUÁ	3	0,05	Fr-7	Caspa, dentes, resfriado
ROSACEAE <i>Malus domestica</i> Borkh.	MAÇÃ	2	0,04	CF-1	Calmanete, diarréia
RUBIACEAE <i>Borreria</i> sp.	VASSOURINHA DE BOTÃO	4	0,07	R-3	Prolapso retal, verme, catarro
RUBIACEAE <i>Genipa americana</i> L.	JENIPAPO	3	0,05	CF-10	Pancada
RUTACEAE <i>Citrus aurantium</i> L.	LARANJA	10	0,18	Fo-1	Calmanete, colesterol, gastrite
RUTACEAE <i>Citrus nobilis</i> Lour	LARANJA CRAVO	1	0,02	S-4	Pressão
RUTACEAE <i>Citrus</i> sp.	LIMÃO	12	0,21	Fr-1/2/5	Gripe, resfriado, sinusite, tosse, amigdalite, azia, colesterol
RUTACEAE <i>Ruta graveolens</i> L.	ARRUDA	10	0,18	Fo-1/4/9/10	Ouvido, dor de cabeça, piolho
SAPINDACEAE <i>Talisia esculenta</i> (St. Hil.) Radlk.	PITOMBA	2	0,04	Fo-1	Icterícia, indigestão, catarro
SAPOTACEAE <i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.)	QUIXABA	22	0,39	CP-3/4	Cicatrizante, coluna, dores, ginecológico, inflamação, pancada, pressão baixa
SOLANACEAE <i>Physalis angulata</i> L.	CAMAPU	1	0,02	-1	Rins
SOLANACEAE <i>Solanum americanum</i> Mill.	ALVA MOURA	1	0,02	Fr-5	Pancada
SOLANACEAE <i>Solanum melongena</i> L.	BERINJELA	3	0,05	Fr-4/5/7	Colesterol
SOLANACEAE <i>Solanum paniculatum</i> L.	JURUBEBA BRANCA	1	0,02	Fr-5	Fígado, inflamação
SOLANACEAE	BATATA INGLESA	9	0,16	Ca-5/7	Gastrite, úlcera

<i>Solanum tuberosum</i> L.					
THEACEAE	CHÁ PRETO	4	0,07		Prisão de ventre, diarreia, indigestão
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze.					
TURNERACEAE	XANANA	1	0,02	R-2	Cicatrizante, gripe
<i>Turnera ulmifolia</i> L.					
VERBENACEAE	CHUMBINHO	2	0,04	Fl-2	Tosse
<i>Lantana camara</i> L.					
VERBENACEAE	CIDREIRA	41	0,72	Fo-1	Calmanete, diarreia, prisão de ventre, dor nos ossos, indigestão, abrir apetite, cólica
<i>Lippia alba</i> (Mill.) Brow.					
VIOLACEAE	PEPACONHA	1	0,02	Ca-3	Dentes (nascimento)
<i>Hibanthus cf. ipecacuanha</i> (L.) Baill.					
VITACEAE	UVA PASSA	1	0,02	Fr-3/7	Intoxicação
<i>Vitis</i> sp.					
ZINGIBERACEAE	COLÔNIA	23	0,40	Fo/Fl-1/2	Resfriado, febre, cansaço, tosse, catarro, asma, calmante, dor de cabeça
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.					
ZINGIBERACEAE	CANA DO BREJO	2	0,04	Fo-1	Rins, inflamação
<i>Costus</i> sp. Jacq					
ZINGIBERACEAE	GENGIBRE	2	0,04	R-3/4	Garganta, dor nos nervos
<i>Zingiber officinale</i> [Willd.] Roscoe.					
ZYGOPHYLLACEAE	PAU SANTO	1	0,02	CP-3	Dores
<i>Guaiacum officinale</i> L.					
não identificada	BASTRO	1	0,02	CP-4	Inflamação
não identificada	BRUQUE	1	0,02		Reumatismo
não identificada	COMONDONGUE	1	0,02	CP-4	Inflamação
não identificada	MULAMBINHO	1	0,02	Fo-1	Dores

Legenda: Ca-Caule; CP-Casca do pau (caule); Fr-Fruto; CF-Casca do fruto; S-Semente; Fo-Folha; Fl-Flor; R-Raiz / 1-Infusão; 2-lambedor (xarope); 3-Decocção; 4-Maceração; 5-Suco; 6-Banho; 7-Sem preparo; 8-Pó/Farina; 9-Inalação; 10-Emplastro; 11-Supositório.

REFERÊNCIAS

Agra MF, Baracho GS, Nurit K, Basílio IJLD, Coelho VPM, Barbosa DA. Sinopse da flora medicinal do Cariri Paraibano. *Oecologia Brasiliensis*, 11(3): 323-330, 2007.

Agra MF, Silva KN, Basílio IJLD, Freitas PF, Barbosa-Filho JM. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 18(3): 472-508, 2008.

Albuquerque UP & Lucena RFP. Métodos e técnicas para coleta de dados. In: Albuquerque, U.P.; Lucena RFP. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. NUPEEA/Livro Rápido: Recife, 2004, p.37-62.

Almeida NFL, Silva SRS, Souza JM, Queiroz APN, Miranda GS, Oliveira HB. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Viçosa-MG, *Rev Bras Farm*, 90(4): 316-320, 2009.

Alves RRN & Rosa IL. Why study the use of animal products in traditional medicines? *J Ethnobiol Ethnomed*, 1(5):1-5, 2005.

Alves RRN, Silva AAG, Souto WMS, Barboza RRD. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina

Grande, PB, Brasil. *Revista Eletrônica de Farmácia*, 4(2): 175-198, 2007.

Alves RRN & Rosa IML. Biodiversity, traditional medicine and public health: where do they meet? *J*

Ethnobiol Ethnomed, 3(14): 1-9, 2007.

APG II - An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders

and families of flowering plants: APG II. The Linnean Society of London, Botanical

Journal of the Linnean Society, 141: 399-436, 2003.

Baggio AJ. Aroeira como potencial para usos múltiplos na propriedade rural, *Boletim de Pesquisa Florestal*, Colombo, 17: 25-32, dez. 1988

Bailey K. *Methods of social reached*. 4 ed. New York: The Free Press, 588 p. 1984.

Brasil. Ministério de Minas e Energia. Secretaria de Geologia, Mineração e Transporte Mineral. Secretaria de Desenvolvimento Energético. *Diagnóstico do Município de Queimadas*. Recife: 2005.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecno-

logia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Mediciniais da Central de Medicamentos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 148 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

Brito ARMS & Brito AAS. Forty years of Brazilian medicinal plant research. *J Ethnopharmacol*, 39(1): 53-67, 1993.

Coutinho DF, Travassos LMA, Amaral FMM. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. *Visão Acadêmica*, Curitiba, 3(1): 7-12, 2002.

Di Stasi LC, Oliveira GP, Carvalhaes MA, Queiroz-Júnior M, Tien OS, Kakinami SH, Reis MS. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. *Fitoterapia*, 73(1): 69-91, 2002.

Gonçalves MIA & Martins DTO. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Rev Bras Farmacognosia*, 79(3/4): 56-61, 1998.

Heinrich M, Ankli A, Frei B, Weimann C, Sticher O. Medicinal plants in Mexico: healers' consensus and cultural importance. *Soc Sci Med*, 47(11): 1859-1871, 1998.

Leal IR, Silva JMC, Tabarelli M, Lacher Júnior TE. Changing the Course of Biodiversity Conservation in the Caatinga of Northeastern Brazil. *Conserv Biol*, 19(3): 701-706, 2005.

Ming LC & Amaral Junior A. Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes". The New York Botanical Garden, 1995.

Nazarea V, Rodhes R, Bontoyan E, Gabriela F. Defining indicators which make sense to local: Intra-cultural variation in perceptions of natural resources. *Human Organization*, 245(57): 159-170, 1998.

Phillips O, Gentry AH, Reynel C, Wilki P, G'avez-Durand CB. Quantitative ethnobotany and Amazonian conservation. *Conservation Biology*, 8(1): 225-248, 1994.

Pieroni A & Quave CL. Traditional pharmacopoeias and medicines among Albanians and Italians in southern Italy: a comparison. *J Ethnopharmacol*, 101(1-3): 258-270, 2005.

Pinto EPP, Amorozo MCM, Furlan A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil, *Acta Bot Bras*, 20(4): 751-762, 2006.

Posey DA. Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: Ribeiro B. *Suma Etnológica*. Petrópolis, Brazil: Vozes, p. 251-271, 1986.

Rodrigues VEG & Carvalho DA. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do alto Rio Grande – Minas Gerais, *Ciênc agrotec*, 25(1): 102-123, 2001.

Silva JMC, Tabarelli M, Fonseca MT, Lins LV. Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Parte 1- Fatores Abióticos. Ministério do Meio Ambiente, Brasília- DF, 2003. 41p.

Teixeira SA & Melo JIM. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. *Iheringia*, 61(1-2): 5-11, 2006.

WHO-World Health Organization; IUCN- International Union for Conservation of Nature and Natural Resources; WWF- World Wide Fund for Nature. Guidelines on the conservation of medicinal plants. Geneva: WHO, 1993. 50 p.

WHO-World Health Organization. Legal Status of Traditional Medicine and Complementary/Alternative Medicine: A Worldwide Review, Geneva: WHO, 2001.199p.

WHO-World Health Organization. Traditional Medicine Strategy 2002–2005. Geneva: WHO 2002.